

Negociações para o segundo...

por José Casado
de Maceió

(Continuação da 1ª página)

Em São Paulo, na mesma noite, duas alternativas estavam sendo discutidas pelos pemedebistas: juntar-se a Brizola, do PDT, ou a Mário Covas, do PSDB, que figura em quarto lugar nas pesquisas, mas vem crescendo razoavelmente nos últimos 15 dias.

O governador Orestes Quêrcia, discretamente, optou por liberar seus aliados para auxiliar Brizola, numa operação de última hora coordenada pelo vice-governador Almino Affonso, que é candidato à sucessão paulista no próximo ano.

Quêrcia, preocupado com o avanço de Lula — que tem sólida posição no eleitorado de São Paulo e um partido estruturado o suficiente para incomodá-lo —, acabou, também, influindo junto a grandes empresários estimulando-os a participar, de alguma forma, desse “mutirão” emergencial.

Brizola, além de estar amargando dificuldades de “caixa” na campanha, não conseguiu ir além dos 3% de preferência eleitoral no estado que detém a maior concentração de votos do País (21% do total). E sua disputa com Lula está tão acirrada que qualquer ponto percentual na região pode vir a significar a sua vitória ou a sua derrota amanhã.

Já na noite de ontem empresários como Mário Amato, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), se permitiam declarações simpáticas, em

público, ao candidato do PDT.

“Gostei muito do discurso de Brizola no último debate”, disse Amato, por exemplo, ao repórter Fernando Canzian, em São Paulo (veja matéria ao lado). Até o começo deste ano, na visão do presidente da FIESP, Brizola era um temível adversário, exatamente por suas propostas “contrárias à livre iniciativa”.

A estimular todos esses movimentos estavam projeções feitas para amanhã, a partir do resultado de diferentes pesquisas eleitorais.

A mais recente, tabulada no domingo pelo Instituto Vox Populi, de Belo Horizonte — que assessora o PRN —, detectou uma tendência de crescimento de Collor e, também, de ultrapassagem de Lula sobre Brizola.

O que está a impulsionar tais arranjos políticos de última hora são os interesses regionais.

Mas são gestões políticas extremamente delicadas. Até mesmo porque está em curso, sobretudo no PRN de Collor e no PDT de Brizola, um sutil processo de autocritica: ambos, conforme acham seus mais íntimos assessores, acabaram exagerando na busca de alianças à direita no primeiro turno.

Fizeram acordos com alguns líderes cuja sobrevivência política em suas regiões começa a ser posta em dúvida nesta reta final do pleito presidencial.

E, no caso de uma vitória, eles certamente não cobrarão a “faturo” do seu apoio nessa campanha.